Ano XIV ... Nº 385 ... Uberaba/MG ... Julho/Agosto de 2014

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Abadia
A força de seus habitantes marca o desenvolvimento

04

Jardim Copacabana
As curiosidades de sua gente

10

Residencial 2000
Os mitos e as verdades sobre o lugar

14

CAPA: THIAGO FERREIRA

Uberaba mostra a sua cara

Moradores de seis bairros revelam o cotidiano da cidade

issuu-downloader.com

Morte de jornalista sintetiza clima de guerra no país

Marília Mayer
8º período de Jornalismo

Um dia tranquilo. Muitas pautas a fazer na redação entre uma e outra olhada nas notícias do momento. O gigante havia acordado mais uma vez como nas manifestações de 2013. Cariocas tomavam as ruas do Rio de Janeiro pela redução da tarifa do transporte coletivo. Mais tarde, a notícia de um cinegrafista ferido.

Na correria do dia nem dei "muita bola" para a notícia. Mais um jornalista ferido, mais uma vítima do vandalismo e esses pensamentos que sempre vêm à minha mente sempre que um de nós, profissionais da imprensa, é atacado pela sociedade.

> São muitos outros repórteres, cinegrafistas, fotógrafos, pobres, negros, gays morrendo sem saber

À noite, quando entro na internet, a *hashtag* #forçaSanti tomava conta da minha página no Facebook. Inúmeras marcações e pedidos de orações ao cinegrafista da TV Bandeirantes Santiago Ilídio Andrade. Na hora, não acreditei. Fiquei olhando a foto e logo fui procurar mais sobre o assunto. Ele havia sido ferido na cabeça por um rojão. Morreu sem ver, pois estava de costas.

Lembrei não só do Santiago, mas de 36 jornalistas que formavam nossa turma na terceira edição do Curso Preparatório para Jornalistas em Área de Conflitos ministrado pelo CCOPAB – Centro Conjunto de Operação de Paz do Brasil em parceria com o CComSEx – Centro de Comunicação Social do Exército.

Recordei também da minha irmã, que sempre me diz que "essa profissão sua ainda vai te matar". Essa frase me veio na hora.

Realmente, naquele momento, eu morri por dentro. O que eu sentia era um misto de indignação, tristeza e vulnerabilidade. Podia ser qualquer um da turma, mas foi a vez do Santiago.

Desde a morte dele eu me pego refletindo que o falecimento de um conhecido meu, um colega de trabalho, foi notícia nacional, infelizmente. A mobilização se deu não pela morte dele – morrem tantos, todos os dias e das formas mais cruéis – mas foi que o Santiago estava na linha da imparcialidade. Não era de lado nenhum.

O que me indigna e atrevo a dizer é que foi retirado o pontão daquele rojão, que dá o rumo para onde o artefato vai explodir, e quando isso acontece vai para qualquer lado. O vândalo que acendeu aquilo não mirou em ninguém, mas ao mesmo tempo mirou em todo mundo. Aí veio à minha cabeça que ele não usava equipamentos de segurança. Um capacete não evitaria que a bomba ferisse o cinegrafista, mas amenizaria sua dor ou até mesmo salvaria sua vida.

Eu não era amiga do Santiago, nunca o vi. Eu não conheci sua esposa e filha e nem fui visitá-lo no hospital nos dias em que ele passou lá precisando de sangue e lutando pela vida. Mas eu me senti atacada por ser repórter e, mais ainda, por

Foto: noticias.band.uol.com.br

O cinegrafista Santiago, da TV Bandeirantes, tinha 49 anos

querer seguir carreira em coberturas especiais, como aqueles outros 36 jornalistas. Corajosos profissionais.

Para finalizar, vou usar um trecho de um texto que a jornalista Letícia Barbieri escreveu naquele dia. "Juntos aprendemos sobre bombas, bombas de som e luz, bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta. Como subir o morro. Como nos proteger do tiroteio. Não como nos proteger de foguetes em meio à multidão. Como usar colete à prova de balas. Não que teríamos que ir ao centro de capacete. A gente estava aprendendo como se comportar na guerra, só não sabia que já estávamos em uma - esqueceram de declarar."

E é exatamente isso que eu senti com a morte do Santiago, que foi vítima de pessoas que não têm a mínima noção entre liberdade de expressão e violência barata. Pessoas que fizeram de uma manifestação uma chacina porque não é só o Santiago. São muitos outros repórteres, cinegrafistas, fotógrafos, pobres, negros, gays morrendo sem saber.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** Celi Camargo (DF 1942 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ••• **Orientadora de Designer Gráfico:** Mariana do Espírito Santo ... **Estagiários:** Madu Monteiro e Matheus Queiroz (6º período) ••• **Revisão:** Cíntia Cerqueira Cunha (MG 04823 JP) ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Bordado de lembranças

Sessenta e um anos de casamento e muitas histórias do Bairro Abadia

Luiza Carvalho
6º período de Jornalismo

Foto: Arquivo Pessoal

Com cinco filhos e oito netos, seu Otávio e dona Lourdes dizem que nunca mudariam de bairro

Calor é pouco para definir aquele dia. Era quarta-feira e o sol estava alto em um dos maiores bairros de Uberaba, o Abadia. Quando cheguei à casa de seu Otávio e dona Lourdes, uma das primeiras palavras deles foram "aceita água?". Até o gato estava com calor: deitava no chão gelado e se esticava todo.

Dona Lourdes é uma senhora simpática e sorridente de 86 anos. Pequena e dos cabelos brancos, tem nos traços do rosto o desenho de uma história batalhada. Seu Otávio, de 87 anos, era sapateiro. Hoje, com os olhos miúdos e o corpo fino, ele se apoia na bengala para andar. Fala baixo, pausado, mas tem muita história para contar.

Peguei meu caderno, caso precisasse anotar algum detalhe importante, e, antes que eu começasse a perguntar, seu Otávio me observava com seus olhos miúdos, mas enxergando algo intrigante. "Eu 'tô' achando interessante você escrever com a mão esquerda. Eu já tentei e não dei conta", revelou ele. "Mas é claro, ela já nasceu assim", rebateu dona Lourdes, rindo.

A conversa fluiu com os dois contando como era a rua, perto da "Praça do Pó", há muitos anos. Não tinha asfalto, telefone, energia nem água ali. Aos poucos, tudo foi chegando e trazendo mais conforto.

"Quando descia a rua Patos, ali onde é a avenida, tinha um córrego e muito mato. Eu lembro que um dia tinha arrumado um dos meus filhos para ir na matinê. Só que eu cheguei lá perto do córrego e ele e os amigos estavam na água, nadando. Não tinha ido na matinê nada", relembra dona Lourdes. Naquele dia, o filho levou uma bronca.

> "Estou com 87 anos, as vistas não estão mais boas. Mas eu coloco óculos e faço palavra cruzada, sudoku, tudo!

A conversa ia tecendo um bordado de lembranças. O móvel da sala, repleto de retratos, fazia estampar no rosto deles o orgulho de ver o quanto a família é bonita. Seu Otávio se levantou vagarosamente, abriu uma portinha e tirou mais retratos. Eram os netos. Ele e dona Lourdes apontavam as fotos contando a idade, o que faziam eles e quem era filho de quem.

Sorrisos despontavam a cada descrição, provando que a família é o maior presente deles. Só se entristecem ao lembrar do neto que morreu. Mesmo assim, tudo que se fala são as lembranças boas que ele deixou.

"Dia de domingo, a família vem tudo pra cá almoçar", conta Lourdes. "Umas 12 pessoas nessa casa! É bom demais", completa seu Otávio, voltando a sentar no sofá.

Ele, mesmo com as dificuldades impostas pela idade, pega o livrinho de sudoku todo preenchido para me mostrar. "Eu vou falar pra você. Eu estou com 87 anos, as vistas não estão mais boas porque eu operei e não deu certo. Mas eu coloco óculos e faço palavra cruzada, sudoku, tudo. Leio revista, vejo jogo na televisão, leio livro...".

Mesmo com todas as dificuldades que já passaram, seu Otávio e dona Lourdes são unidos, felizes e companheiros. "Eu gosto muito da minha vida. 'Tô' pronto para partir, nós dois, porque já estamos velhos. O que pudemos fazer para os filhos, nós fizemos."

Antes de me despedir, eles me mostram toda a casa. No fundo, um cachorrinho dormia. "Esse aí 'tá' velhinho também, olha só", mostra dona Lourdes. E os dois se despedem dizendo: "e aí, respondemos tudo direitinho? Deu certo a entrevista?". Quase virando a esquina, olho para trás e eles acenam, felizes, com sorriso de missão cumprida.

issuu-downloader.com

As brincadeiras infantis dão novo significado ao local, na rua Guia Lopes, no bairro Abadia; seus moradores antigos desmitificam a má fama criada no passado

A praça *não* é do pó

Luiza Carvalho
6º período de Jornalismo

O bairro Abadia, maior e um dos mais antigos bairros de Uberaba, abriga diferentes realidades de estrutura e vida social. De um lado, por exemplo, a UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro) forma profissionais que estudaram muito para conquistar as disputadas vagas da instituição. Do outro lado, a simplicidade e a pobreza motivam crianças e adolescentes a irem para a escola porque sabem que lá, além do ensino, eles terão comida.

Em alguns pontos do bairro, as casas são grandes, bem pintadas e, sobretudo, bem protegidas: a maioria é equipada de cercas elétricas e algumas até de câmeras, atenciosas ao que ocorre do lado de fora cada vez que toca a campainha ou interfone. Andando mais um pouco, as casas diminuem, falta reboco, tinta e segurança. De portas abertas, alguns moradores sentam na calçada para conversar com os vizinhos, observar a rua e vigiar as crianças que brincam.

Em meio a tantas realidades, entretanto, uma predomina sobre todo o bairro: a fama de ser um dos mais violentos da cidade. A Polícia Militar justifica que os altos índices de criminalidade são devido ao tamanho do bairro, mas não revela o mapa das ocorrências, pois esse é o guia das operações para garantir mais segurança.

Entre os problemas sociais, se destaca a quantidade de usuários de droga. Assim como em toda a cidade, eles tomam conta dos semáforos: o sinal fecha e eles estendem as mãos suplicando ajuda. Enquanto alguns motoristas dão moedas, outros sobem os vidros. No anoitecer, os bancos de várias praças viram camas para os andarilhos.

A praça na Guia Lopes

A quatro quarteirões abaixo da Prudente de Morais, a principal rua do bairro, no sentido da avenida Leopoldino de Oliveira, fica o local que levava o nome, quando fundado, de praça João Batista de Carvalho, na rua Guia Lopes. Por esse nome, seria uma praça qualquer, mas se disser "praça do pó", rapidamente é identificada.

A dona de casa Sebastiana de Oliveira Arduini, de 72 anos, mais conhecida como dona Tânia, mora em frente à praça há 50 anos. "Meus meninos brincaram muito aí na rua. Antigamente, não era pracinha, tinha um campo que a meninada brincava de bola. Quando fizeram a praça a gente achou muito bom. Ficou melhor, os vizinhos sentavam lá para conversar", recorda ela.

Dona Tânia relembra a época em que teve uma mercearia na praça com seu marido, Antônio Arduini, de 78 anos. Depois de 16 anos, porém, eles resolveram fechar as portas devido à grande movimentação de usuários de droga na praça. "Aqui era muito

issuu-downloader.com

ruim antigamente. A droga era um problema muito difícil, mas com o tempo foi melhorando. Quando começaram a chamar de praça do pó, pegou mais que o nome verdadeiro da praça", conta ela.

A alguns metros dali moram o senhor Otávio da Silva Borges, de 87 anos, e Maria de Lourdes Ortiz Borges, de 86. Aposentados, eles são casados há 61 anos e criaram ali seus cinco filhos. Mergulhando nas lembranças, eles constatam o quanto a rua mudou. "Antigamente, era uma buraqueira. O que mais mudou foi o asfalto e a construção da praça. Antigamente, não tinha nada ali", conta dona Lourdes. "Era cheio de árvore, tinha mato", corrige seu Otávio, que fala calmo e baixinho, sentado em seu sofá. "Melhorou cem por cento depois que fez a praça."

Tanto dona Tânia, quanto Maria de Lourdes relatam que, quando alguém pergunta onde elas moram, exibem certo espanto ao saber que é perto da praça do pó. "As pessoas me perguntam 'onde a senhora mora?' e eu falo que moro na rua Guia Lopes. Aí falam 'é na praça do pó?' e eu digo que sim, e que fico feliz de morar aqui", fala dona Tânia, com um sorriso no rosto.

Mas ela ressalta que a praça só é ruim aos olhos de quem não a conhece hoje. "Não tem esse perigo todo que as pessoas pensam. A época ruim dessa pracinha ficou para trás e a gente tem que agradecer a Deus por tantas alegrias que vivemos aqui", afirma ela, sempre sorridente.

Lourdes e Tânia são a prova do companheirismo da vizinhança

Fotos: Luiza Carvalho

Além de ser espaço para as crianças brincarem , a praça da Guia Lopes é lugar de exercício

Boa vizinhança

Seu Otávio afirma que nunca se mudaria de sua casa. Ele conta que os vizinhos são companheiros e solidários. Se alguém perceber qualquer movimento estranho na rua, sempre avisa um ao outro. "Aqui todo mundo é amigo, tenho os filhos e os netos que moram perto. A vizinhança é companheira. Qualquer coisa que acontecer, se alguém adoece, tá todo mundo junto. Aqui é bom, tem supermercado perto, posto médico, farmácia, tudo pertinho."

Ele e dona Maria de Lourdes dizem, felizes, que foi ali que superaram as dificuldades da vida e deram seu melhor para criar os filhos. Com passos lentos e apoiado em uma bengala, seu Otávio se levanta para mostrar na estante as fotos dos filhos e netos. Contando as histórias da família, o casal se enche de orgulho e brilho nos olhos, afirmando que aquela casa tem muita história. "Começamos aqui e vamos acabar aqui", diz seu Otávio, com toda sua simplicidade.

Os tempos mudaram

Com os bancos em meio às plantas e os equipamentos de ginástica, instalados ali pela prefeitura como em vários pontos da cidade, a praça da Guia Lopes é frequentada pelos moradores e as crianças andam de bicicleta e soltam pipa. Um ou outro usuário de droga sempre aparece, mas nada se compara à época que deu fama à praça. "Não pode dar bobeira. Mas não é só aqui que tem isso, é em todo lugar", argumenta dona Maria de Lourdes. "As meninas da escola aqui perto vêm pra cá quase toda manhã brincar com as crianças na pracinha", justifica dona Tânia, para mostrar que a praça não é tão perigosa como as pessoas falam.

Para ela, as pessoas devem entender que os usuários de drogas são, antes de tudo, seres humanos. "Às vezes as pessoas têm medo de quem mexe com droga. Mas eles sofrem muito. Pra que desfazer deles? Podemos dar a atenção que eles precisam. Eles tratam a gente bem e a gente procura fazer o melhor. Se todos fizessem assim, talvez não teria tanto drogado no mundo."

> "Às vezes, as pessoas têm medo de quem mexe com droga, mas eles sofrem muito

Falando com carinho do lugar onde mora, dona Tânia defende a praça contando o quanto é feliz ali. "Era a praça do pó, mas agora é uma praça querida. Adoro aqui. Desde que fez a praça eu falei pro meu marido: 'Antônio, eu não me mudo daqui nunca mais. Aqui é nosso lugarzinho.'"

issuu-downloader.com

A Coreinha que ninguém vê

Um lugar cheio de histórias e amizades onde os todos se conhecem e se ajudam

Mariana Dias
6º período de Jornalismo

Dona Vilma Pacheco se diz ser a pioneira. E eu, com um pouco de inocência, acredito. O olhar de quase 60 anos é carregado de histórias. Entre uma tragada e outra, a senhora negra e de voz potente puxa na memória recordações de quando chegou à Coreinha, o pedacinho do bairro Abadia quase esquecido e, ironicamente, muito conhecido. O nome dado à região ninguém sabe o certo a origem. Só dizem que, na época, quando algum 'forasteiro' se arriscava nas bandas da Coreinha, ele era expulso pelos 'índios'. Histórias do povo antigo.

A região fica a uns três quarteirões para baixo do Cemea (Centro Municipal de Educação Avançada) do bairro Abadia. Desde criança, sempre ouvi que não era bom atravessar para o outro lado. Mas o que não se sabe é que os moradores são humanos, como qualquer outro, mesmo vivendo do lado certo da vida errada.

Dona Vilma não se recorda do gênese muito bem. Era criança como os netos, de cinco anos. Sabia que no começo era mato. As crianças andavam nas ruas de terra e atravessavam os trilhos. Havia uma represa com um 'buracão lá embaixo'. "Lá, tinha uma mina d'água. Era de lá que 'nóis' carregava água pra tomar." Dona Vilma era feliz e não sabia, até mesmo sem banheiro. Conforme foi crescendo, foi construindo tudo aos poucos com o dinheiro que ganhava do pau de arara. Sem religião, mas com muita fé em Deus, agradece por nunca ter matado, roubado ou traficado.

Bete vive na Coreinha desde 1959; quer sair de lá, mas as raízes e as lembranças da casa não deixam

A idade mais marcada na vida de Dona Vilma na Coreinha foi aos nove anos. Saía com mais oito meninos para buscarem lenha. Entre os amigos, tinha uma menina de sete anos que considerava sua irmã. Certo dia, foram fazer o de costu-

> "Ponho as mãos para os céus por não ter inimizade com ninguém. Sempre há os que 'conversam demais', mas nunca briguei com ninguém

issuu-downloader.com

me. Não se esquece do homem vestido de calça preta e camisa branca que matou sua amiga com 16 facadas.

"Quando nós viemos com as peixeiras na cabeça, tinham três paineiras descendo pro lado da represa e o homem estava encostado numa. Na camisa branca estava escrito Diocesano de Uberaba. Ele 'tava' com uma faquinha, picando um fumo. Daí, falei pros meninos que tinha um homem esquisito parado. Quando passamos perto dele, ele disse 'ó, moçada, não adianta chorar e nem gritar porque eu vou matar todo mundo'. Deixamos as coisas no chão e corremos. Mas a minha amiga se 'engastaiou' no arame. Ele deu 16 facadas nela. O povo do frigorífico que 'tava' jogando bola jogaram ele lá embaixo."

As mãos cansadas de boia-fria correm no álbum de fotos e a fazem recordar da infância. Dona Vilma, aos 12 anos, acordava às 4h da madrugada. Estudou até a quarta série. Ela sabe e já fez de tudo um pouco. Já cortou cana, lenha para carvoeira, capinou, plantou milho e arroz. Tanto serviço que nem se lembra mais. Mas se perguntar nome de árvore, Dona Vilma tem a resposta na ponta da língua.

Elizabete Rodrigues de Oliveira, a Dona Bete, é uma senhora dos olhos claros quase que imperceptíveis. Também se lembra da época em que podia brincar até tarde na rua. Nasceu na Coreinha em 1959. Também

> "Agora, 'apanhei' medo da noite. Antes, ninguém batia em ninguém. Era a coisa mais bonita do mundo

era feliz e não sabia. Vivia da liberdade. É notável o gosto com que fala da infância e das amizades que foi construindo. Uma delas, Dona Vilma.

O engraçado é que Dona Vilma já chegou a não confiar em ninguém. Hoje, os vizinhos viraram família. Com a sua humildade, a senhora diz que todos a adoram. E isto é confirmado pela quantidade de pessoas que rodeiam Dona Vilma para conversar. Nos dias de calor, pega um banquinho e se senta na calçada do vizinho da frente, onde há a melhor sombra.

Netos, filhos e vizinhos a acompanham. "Quer saber da verdade? Não tenho inimizade com ninguém. Já estou velha, sou bem tratada por todo mundo."

Dona Bete agradece a Deus e à mãe, que a ensinou a respeitar os mais velhos. Essa educação deu a ela os amigos de hoje. "Ponho as mãos para os céus por não ter inimizade com ninguém. Sempre há os que 'conversam demais', mas nunca briguei com ninguém da rua."

Fotos: Mariana Dias

Em dias de calor, Dona Vilma pega o banco e se senta na calçada para uma boa conversa com os amigos

Com seis filhos, 12 netos e dois bisnetos – uns perto e outros longe – Dona Vilma não sai mais da Coreinha, mesmo sabendo que não pode mais ficar na rua até tarde. Afinal, os tempos mudaram. "Agora, 'apanhei' medo da noite. Antes, ninguém batia em ninguém, ninguém brigava com ninguém, ninguém matava ninguém. Era a coisa mais bonita do mundo. Trabalhava o dia inteirinho e chegava em casa satisfeita. Mas eu gosto daqui e vou ficar aqui."

Já Dona Bete, se pudesse, sairia de onde mora. Mas as raízes não deixam. Das três filhas, duas moram no mesmo terreno

Além de conversar, dona Bete também gosta de cuidar das plantas que cultiva há anos em sua casa

issuu-downloader.com

Fotos: Arquivo Pessoal

Dona Vilma com as irmãs e o filho mais novo em frente à casa ainda em fase de construção no bairro

que ela, em casas diferentes. Os netos a visitam toda hora. "Muitas coisas melhoraram e outras pioraram", diz dona Bete que, na profundidade das suas palavras, sabe que o lugar onde vive não pode ser deixado. A casa lhe traz lembranças dos entes que já se foram. Inclusive, do marido falecido.

A rua foi asfaltada, as casas ganharam banheiro e encanamento; as lamparinas deram lugar à energia elétrica. O tempo não apagou as amizades e os favores entre os vizinhos da Coreinha. Há pouco tempo, um casal de idosos sofreu um acidente de moto. Ambos quebraram as pernas. Ele é diabético. Os vizinhos ajudam no que podem. Um cuida da comida, outros, da higiene. Dona Vilma, diabética e hipertensa, contribui com os remédios que usa.

"O que estiver no meu alcance será um prazer ajudar, porque já precisei muito e eu não me esqueço de ninguém. Posso contar nos dedos as pessoas que me ajudaram quando precisei", conta Bete, que agora vive mais dentro de casa do que fora. Não gosta muito de visitar ninguém. O povo fuxica. Mas as portas de sua casa colorida e alegre estarão abertas para quem precisar.

Dona Bete e dona Vilma sabem das dificuldades e dos leões que têm de matar todos os dias. Foram criadas juntas e transformaram um pedaço do bairro em história. Dona Vilma, pela idade e pelo conhecimento, é a 'mãe' da Coreinha. Todos recorrem a ela quando precisam. Dona Bete é a conselheira. Quieta

> "Quer saber da verdade? Não tenho inimizade com ninguém

e com uma mente sábia, quer ver todos bem e se indigna quando alguém, que já ficou sob seus olhos atentos, desandou do caminho.

Na Coreinha, as portas das casas estão sempre abertas e não é falta de educação entrar sem bater. Como na Brasilândia, na zona norte de São Paulo, a Coreinha é um lugar de todos. Os estranhos são estranhos até que eles se identifiquem como pessoas sem más intenções. E a vida de cada um só faz sentido se for entralaçada e compartilhada com a do vizinho.

Américo Pacheco, pai de Dona Vilma, quando chegou à Coreinha

issuu-downloader.com

Feito a mão no bairro Planalto

Senhor Wilson e sua família tiram sustento das imagens feitas em gesso

Ana Filomena Vecente
6º período de Jornalismo

Daniela Costa
6º período de Jornalismo

Logo após o Aeroporto de Uberaba está localizado o bairro Planalto, onde a etnia cigana predomina, tendo assim uma diversidade cultural e religiosa.

Em meio aos templos evangélicos, centro espírita, à escola estadual e ao comércio local se encontra Wilson Félix Braga. Um homem de 51 anos, estatura mediana, corpo pouco definido, transformado pelo esforço exercido por anos vindo da profissão de servente de pedreiro.

Há 15 anos, mora no bairro. Com o pouco estudo, ganhou a vida, inicialmente, como pedreiro. Com habilidade, senhor Wilson passou a esculpir imagens religiosas de gesso, cimento, artigos religiosos, lembranças de casamento e aniversários.

Nas mãos, ele carrega com orgulho uma referência do trabalho: elas ficam esbranquiçadas por causa do gesso.

Enxergando o talento do funcionário, o patrão do ramo da construção civil o ajudou inicialmente. Doou tintas para o acabamento das obras de arte. A moradora mais antiga do bairro Planalto, dona Fiuca, de 85 anos, também colaborou.

Refinando o talento

Ao longo dos anos, sofreu preconceitos pelos moradores do bairro e também dos seus próprios clientes que acreditavam que as imagens feitas por ele não possuíam boa qualidade, eram quebradiças.

"A condição foi melhorando e eu pude comprar com meu próprio dinheiro as tintas. Hoje, fazer imagens é meu ganha-pão", relata.

Atualmente, o artesanato é confeccionado em família, pelas mãos da esposa e da filha.

Wilson viaja pelas cidades vizinhas, pelo sul de Minas Gerais e por algumas cidades de São Paulo, levando seu trabalho, seus santos, sua fé e sua esperança para o povo que crê na intercessão dos mesmos.

O lugar de maior clientela é Romaria, o santuário da Abadia de Água Suja. "A imagem mais vendida lá é a de Nossa Senhora de Aparecida, a padroeira do Brasil."

Seu artesanato também é vendido nas quermesses das paróquias de Uberaba. O escultor monta sua barraquinha em dias de festa. Segundo ele, o Natal e a festa de romaria são as épocas mais propícias para as vendas de imagens.

Fotos: Daniela Costa

A maior clientela de Wilson na região está no santuário de Romaria

Espírita Kardecista, acredita que somos todos filhos de Deus e não recusa nenhum tipo de trabalho e esculpe imagens católicas, de umbanda e candomblé.

Sonhos

Assim como todo brasileiro, que sempre está em busca de algo, o senhor Wilson tem objetivos que ainda não foram alcançados.

O maior sonho de toda a família é terminar a reforma da casa adquirida como doação do antigo patrão. Apesar dos 15 anos no trabalho manual de esculturas, ainda não conseguiu deixar a casa do jeito que sempre idealizou.

issuu-downloader.com

Uma vida dedicada ao trabalho

Pé de Pano é um dos primeiros moradores do bairro Jardim Copacabana e, como presidente da associação dos moradores, ajudou a levar o desenvolvimento para a região

Stella Marjory
6º período de Jornalismo

O corpo denuncia os mais de 40 anos de trabalho. Porém, Pé de Pano, aos 56 anos, mostra ter energia pra trabalhar mais 40 se for possível. Um dos protagonistas da história do bairro Jardim Copacabana. Foi um dos primeiros a se mudar para a região, em 2012. Na época, ele conta que havia apenas quatro casas ainda em construção.

Poucos o conhecem por seu nome de registro, Donizete Frutuoso da Silva. No entanto, não há viva alma no bairro que não o conheça por Pé de Pano. Talvez porque o Donizete tenha ficado pra trás, na infância sofrida e dado lugar a um homem batalhador.

Sua mãe morreu durante o parto de sua irmã caçula quando ele tinha apenas nove anos. Desde então, saiu de casa, deixou os estudos na segunda série e resolveu lutar para sobreviver. Abandonou Coromandel, sua cidade natal, e saiu mundo afora. Morou em Patos de Minas, Vazante, Catalão, Uberlândia, São Paulo e hoje vive em Uberaba.

> "Eu sofri, mas sofri mesmo. Dormia com os bois porque tinha que vigiá-los.

Foto: Stella Marjory

Donizete Frutuoso da Silva acredita que as conquistas são resultado da sua fé e do seu trabalho ao longo de 42 anos

Foi criado por um pessoal em Catalão que tinha uma lavoura de milho na beira do Rio Paranaíba, na divisa de Minas Gerais e Goiás. Quando chegava a época da colheita, tinha que colher, juntar e ainda puxar o milho pro paiol. "Eu sofri, mas sofri mesmo. Dormia junto com os bois porque tinha que vigiá-los. Se eles sumissem, eu apanhava. Meu relógio era o galo cantando. Chegava no curral e tratava das galinhas, porcos e do carro de boi. Um dia eu não quis mexer com isso mais e fugi" – desabafa.

Depois disso, Pé de Pano foi pra outra fazenda. Lá, ele cortava capim e cana pra poder limpar e cuidar do gado. "Eu tinha preguiça de corta cana. A preguiça que eu tinha foi boa pra eu ter a coragem que eu tenho hoje. Tinha uns barrancos da altura daquele poste; eu pegava metade da cana e jogava tudo lá dentro. O homem chegava e falava: 'mas a cana não deu nada'. E eu falava: 'foi só essa aí.' E assim foi. Um dia ele foi nesses barrancos e estava cheio de cana. Você não é de ver que ele me jogou lá dentro? (risos) Agora você vai jogar essas canas tudo pra riba aqui. Não quis fazer isso e fugi de novo."

As histórias dessa época ainda estão vivas na memória de Pé de Pano. Não precisa de nenhum esforço pra lembrar. E é com essa simplicidade que ele conta sobre sua infância. Ele não brincou de carrinho com as outras crianças da sua idade, apenas trabalhou. E conta isso tudo com um sorriso no rosto. Ele ri da própria história, que pode até ser sofrida, mas é a sua história.

Paixões

Juntos há 14 anos, Pé de Pano e Madalena Aparecida da Cruz, de 46 anos, não chegaram a se casar. Como eles mesmos disseram, pra estar junto é preciso ter amor. O casamento é só papel. Mais do que esposa, Madalena sempre foi sua companheira nos bons e nos maus momentos.

Eles não tiveram filhos juntos. A mulher tem dois filhos de um antigo casamento, pelos quais Pé de Pano tem enorme carinho. Mostra as fotos da enteada que mudou-se para São

issuu-downloader.com

> Eu sou insistente. Enquanto eu não consigo, não desisto

Paulo para fazer faculdade com um verdadeiro afeto de pai.

Suri e Negrinha são as duas companheiras do casal. A cachorra e a gata são o xodó de Pé de Pano. Pra quem acha que cão e gato não se dão bem, elas provam o contrário. Só disputam por atenção e carinho do dono.

Católico, Pé de Pano acredita que as suas conquistas são resultados de sua fé. Ele tem um pequeno altar com imagens de Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito e da Santa Ceia. Sonha em construir uma capela para abrigá-los.

Marcas do trabalho

O trabalho nunca o abandonou, mas muitas vezes o castigou. Aos 14 anos, cuidava dos tratores em uma fazenda. Em um momento de descuido enfiou o dedo pra encaixar um pino que estava com defeito e perdeu uma parte do indicador esquerdo. "Na hora, você chora, depois, você ri da situação", desabafa, entre risos.

O Copacabana é um dos 175 bairros de Uberaba e fica próximo ao Jockey Park

Em 2000, Pé de Pano foi atropelado por um caminhão enquanto trabalhava e ficou 12 dias na UTI. Os médicos acreditavam que ele não voltaria a ter os movimentos das pernas. "O senhor é médico, mas Deus é o médico dos médicos. Ele vai me colocar pra andar de novo" – profetizou, enquanto o especialista lhe dava o diagnóstico. E cerca de dois anos depois, ele andou. Os movimentos já não são tão ágeis como antes, mas não lhe impediram de trabalhar. A paciência de Madalena para cuidar do marido durante o tratamento foi imprescindível.

Pé de Pano desistiu de trabalhar na roça e foi ajudar a urbanizar a cidade. Pedreiro há 35 anos, ele próprio construiu a casa que mora hoje. Simples e inacabada, porém, motivo de orgulho dele e da esposa que lutaram para conquistá-la. Ele conta que usou os restos de entulho das pessoas que desistiam de construir no bairro para levantar o muro.

Todo orgulhoso do seu trabalho, ele exibe um fogão à lenha com serpentina que ele mesmo fez. Ele garante que a água é mais quente que se fosse da rede elétrica e nunca os deixa na mão.

A associação

De todos os trabalhos que Pé de Pano já se aventurou, talvez o que tenha sido mais marcante foi a Associação dos Moradores do Bairro Jardim Copacabana. Convidado para ser o presidente, ele encarou o desafio por oito anos. Durante esse período, o bairro sofreu grandes mudanças. Até então não havia iluminação pública, transporte coletivo e poucos moradores, afinal, um bairro precário não atraía muita gente.

Pé de Pano conta orgulhoso das lutas que liderou à frente da Associação. A primeira foi o transporte em 2004. "Fiz um ofício com um abaixo assinado reivindicando ônibus e entreguei diretamente pro promotor de Belo Horizonte. Eles me chamaram e pouco tempo depois o problema foi resolvido" – conta ele.

O próximo passo foi conseguir um lote para a construção de casas do Programa Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal. Os problemas não paravam e nem a luta para resolvê-los. "Eu sou insistente. Enquanto eu não consigo, não desisto. Sozinho e Deus, ninguém me ajudava."

Pé de Pano abandonou a associação em 2012 e hoje integra o Conselho de Segurança Pública, como presidente. Antes, ele ajudava um bairro a se desenvolver. Agora, são 63 sob o seu controle.

Não há dúvidas a respeito do seu espírito de liderança. Ele mesmo acredita que se tivesse estudo, poderia ser um político dos bons. Quem não gosta da ideia é sua mulher, que prefere não se envolver com esses assuntos.

Um mergulho no periférico

Celi Camargo
Professora de Redação Jornalística

Um olhar fora do centro da cidade. Incentivar os aspirantes a jornalistas a caminhar pela periferia, em bairros que apresentam um perfil socioeconômico menos favorável, foi o desafio encarado pela turma de alunos, cujas reportagens ilustram esta edição do Revelação.

A ideia era encontrar boas histórias e, ao mesmo tempo, contar como são os bairros que, muitas vezes, figuram na mídia apenas nas colunas policiais. A vida pulsa nestes bairros e, periferia, para esses alunos, passou a significar apenas locais mais afastados, erguidos às margens da cidade. Despir os olhares de qualquer preconceito e ver no outro a beleza existente em cada canto possibilitou a descoberta de personagens ricos, cheios de histórias engraçadas, ora dramáticas, mas com uma carga de otimismo capaz de vencer qualquer obstáculo.

Para os alunos, com certeza, foi uma experiência marcante, pois Jornalismo não se faz apenas em gabinetes políticos ou salas requintadas de empresários. É preciso caminhar, andar muito, conhecer a fundo a cidade onde moramos e sua gente simples, que faz história todos os dias.

Foto: Camila Paiva
Dona Cleusa recebeu o aluno Matheus Queiroz no Alfredo Freire

issuu-downloader.com

Cidade Ozanan é o registro de uma história de luta

A vila, que nasceu com nome de pássaro, voou e se transformou em cidade

Gabriela Almeida
6º período de Jornalismo

Há cerca de 20 anos surgia, às margens da BR 050, um novo bairro em Uberaba. As famílias começam a se reunir bem atrás do aeroporto, ao lado da região conhecida como "pássaro preto".

A área era dos vicentinos, responsáveis pela Sociedade São Vicente de Paulo. Mas, sem nenhuma utilização, foi ocupada por integrantes do MST – Movimento dos Sem Teto.

No começo, cerca de 50 famílias se apossaram do local. Homens, mulheres e crianças se organizaram e dividiram os terrenos. Baiana era uma das moradoras. Nasceu Emaílde Ferreira de Almeida, mas da origem, Santa Maria – BA, surgiu o apelido que a acompanha até hoje. A mulher de 57 anos chegou com três filhos pequenos, duas meninas e um menino. Ela conta que no começo era tudo muito difícil, os quatro moravam em uma barraca, não tinha energia elétrica e as roupas eram lavadas na mina.

Baiana perdeu a conta de quantas vezes teve que enfrentar a polícia para não perder o único lugar que tinha para criar os filhos. "Minha irmã, estamos aí pra mostrar que a luta a gente venceu com fé", afirma Baiana, com o sotaque que o tempo não conseguiu diluir.

Hoje, Baiana mora com as duas filhas; o filho não foi para longe, reside na casa ao lado. São oito netos e a família continua no Bairro Cidade Ozanan. Os tempos difíceis do começo são lembrados com alegria, como as brincadeiras de susto com os vizinhos, que só eram possíveis de se fazer por causa da escuridão, hoje a situação é completamente diferente. "Hoje o bairro está maravilhoso, limpinho, nós temos um orgulho desse asfalto. Eu só saio daqui para morrer", fala, com satisfação, Baiana.

A chegada do MST

De acordo com dados oficiais da prefeitura de Uberaba, o bairro Cidade Ozanan tem hoje 364 imóveis inscritos. Destes, a maioria é de posseiros, pessoas que viram na área uma possibilidade de conquistar a casa própria. E conquistaram: a escritura de todos está regularizada. Luismar Fernandes, 54, estava lá desde o começo. Ele fazia parte do grupo do Movimento Sem Teto. Nascido em Sacramento, no Triângulo Mineiro, Luismar chegou a Uberaba ainda criança e, quando adulto, a vida não lhe proporcionou oportunidades de comprar uma casa, por isso, ele foi buscar ajuda no MST.

Fotos: Gabriela Rodrigues

O jardineiro Luismar Fernandes integrou o Movimento Sem Teto

Zecão já trabalhou como pedreiro, soldador e armador; hoje, é dono de bar

O Movimento Sem Teto era composto por famílias de vários bairros de Uberaba, todas compartilhavam do mesmo problema: a falta de moradia. "Naquela época, a gente não tinha casa, mas não queria nada de graça", explica Luismar.

Hoje, o jardineiro mora sozinho. Passa o dia trabalhando em um clube da cidade e, quando volta pra casa, continua o serviço: é que ele é apaixonado por plantas.

issuu-downloader.com

Logo na entrada da residência, conquistada com muita luta e enfrentamento à polícia, uma videira oferece uvas verdes, o espaço é divido com um pé de pepino. Já nos fundos, a horta é variada, com folhas, frutas e verduras. Luismar garantiu uma casa em Uberaba e a transformou em seu lar.

A construção do Cidade

Com 12 ruas e uma avenida é fácil conhecer todos os moradores do bairro. O Ozanan é uma pequena cidade dentro de Uberaba. Os fiéis católicos, evangélicos e espíritas não precisam andar muito para participar das reuniões e cultos. As compras no mercado podem ser feitas ali mesmo. A escola municipal atende os alunos desde a educação infantil até a educação para jovens e adultos. Se o carro quebrou, tem como consertar em uma das duas oficinas mecânicas e o visual pode ser melhorado sempre nos salões de beleza do bairro.

O fim do dia geralmente pede um *happy hour*. E o que não falta no Cidade Ozanan são espaços para essa "hora feliz". José de Fátima Santos percebeu a oportunidade de negócio e abriu há quatro meses o Bar do Zecão.

O expediente começa às quatro horas da tarde. Em um pequeno espaço, na própria casa, ele atende os clientes, que são acomodados na calçada.

Aos 54 anos, Zecão, que é nascido e criado em Uberaba, como ele mesmo diz, trabalha durante o dia como pedreiro, soldador e armador, e o bar fica para o fim da tarde. Na outra ponta da casa, ele montou uma sorveteria para a mulher cuidar, mas ela também trabalha fora. Ele conta que foi sempre desta forma, com a busca de trabalhos extras para complementar a renda que Zecão e a esposa conseguiram criar os três filhos, hoje já adultos.

> "No começo era só pasto, depois, o pessoal veio para marcar as ruas, os lotes, sem nenhuma briga.

Mas a vida dele nem sempre foi organizada assim. Sem lugar para morar, o homem também foi para o Cidade Ozanan com o MST, esteve presente durante toda a construção do bairro e é o responsável por cada tijolo assentado em sua casa. "No começo, era só pasto, depois, o pessoal veio para marcar as ruas, os lotes, sem nenhuma briga", recorda Zecão.

O Cidade Ozanan começou com a luta por um dos direitos mais simples do homem, a moradia. Duas décadas depois, a história do bairro está longe do fim e acaba se misturando com a história dos moradores que lá fizeram sua vida e transformaram a vida do bairro.

Baiana aproveita as tardes no Cidade Ozanan com sua família

Fora do Centro

Foto: Arquivo Público de Uberaba

Cristiano Ximenes Senhorini
8º período de Jornalismo

A casa de Antônio Eustáquio, o Major Eustáquio, é considerada a primeira residência erguida em Uberaba. Situada na praça Rui Barbosa, onde hoje funciona a Câmara de Vereadores, fica bem no coração da cidade. Mas, já naquela época, a vida corria fora do centro.

O rio Uberaba era a principal razão da fundação do arraial, em 1809, e, por isso, os primeiros que para cá se mudaram escolheram as imediações da água para se instalar. Porém, o major, em razão da importância do cargo e do previsto crescimento da povoação, havia de morar no Centro. Tinha como vizinha a igreja. Com o desenvolvimento gradual da cidade, começou a ter outros vizinhos tão importantes como ele. O povo continuava fora do Centro.

Em 1887, com a fundação do Santuário Nossa Senhora d'Abadia, nascia um bairro aberto a toda a gente . De tão democrático, tornou-se o Grande Abadia. Junto com Costa Telles, Cartafina, Vila Esperança, Gameleira, São Cristóvão e Leblon, o Abadião, como tornou-se conhecido, é um dos maiores e mais populosos bairros do município. Parece outra cidade. A vida corre em volta. É gente que oferece vida à região, assim como era o rio Uberaba a circundar a Princesa do Sertão, no tempo do Major Eustáquio.

Uberaba continua a crescer e novos bairros surgem ao redor. Com a implantação do Distrito Industrial nasceram, ainda nos anos 80, o Alfredo Freire (Alfredão) e o Morumbi. Os planos habitacionais originaram vários outros grandes bairros, no fim do século passado, como o Residencial 2000.

O progresso sempre corre para fora e, geralmente, quem chega para acompanhar o desenvolvimento se instala nos bairros considerados periféricos. O Centro pode até ser o coração, mas, assim como o rio corria, a vida da cidade corre fora do Centro.

issuu-downloader.com

Do cafezal ao asfalto

A evolução do povoado que se transformou no Residencial 2000

Beethoven Oliveira
8º período de Jornalismo

Foto: Arquivo Pessoal

O bairro surgiu de um povoado, na década de 70, instalado na então Fazenda dos Eucaliptos

> Era terra pura, muita poeira, não tinha asfalto, escola, creche, campo de futebol. Havia dois mercadinhos: o Carlim e o Campeão

Situado às margens da BR 262, que liga Uberaba até Belo Horizonte, e a cerca de 10 km do centro de Uberaba, o bairro Residencial 2000 parece uma pequena cidade, que surgiu como um pequeno povoado no início dos anos 70. A Fazenda Eucaliptos logo tornou-se bairro Cafezal.

Em 1998, a Prefeitura de Uberaba, por meio da Cohagra (Companhia Habitacional do Vale do Rio Grande), adquiriu o terreno e dividiu em lotes para venda a famílias de baixa renda. A Cohagra também auxiliou na construção das moradias populares.

Dona Joseane Ribeiro de Souza, veio do Rio Grande do Norte para Uberaba, em 1999, e quando chegou ao local não havia nada. "Era terra pura, muita poeira, não tinha asfalto, escola, creche, campo de futebol. Havia dois mercadinhos: o Carlim e o Campeão. Não era fácil pegar ônibus, pois eles atolavam, era uma dificuldade danada."

No início, todos dependiam dos serviços públicos dos bairros próximos. Os estudantes eram levados para uma escola a cerca de cinco quilômetros de distância. O acesso era precário, feito pelo viaduto da rodovia com pista única, estreita e com asfalto ruim.

Melhorias foram feitas na BR 262, como a duplicação e ampliação do viaduto, nova sinalização e iluminação. A construção de um trecho do anel viário permitiu acesso a diversos bairros e, principalmente, para o centro da cidade.

A Prefeitura pavimentou as ruas, facilitando o tráfego de veículos e a instalação de estabelecimentos comerciais se tornou viável, permitindo que moradores adquirissem bens de consumo, sem ter que sair do bairro.

A creche foi construída em 2004. Um alívio para os moradores, que passaram a ter onde deixar os filhos, enquanto trabalhavam. Em 2006, foi inaugurada a escola municipal oferecendo ensino fundamental. Atualmente, cerca de 1200 alunos são atendidos nos três turnos. À noite, há aulas do Ensino Médio, ministradas por professores da rede estadual de ensino.

Há dois anos, o bairro foi contemplado com a construção de uma praça de esportes, onde há biblioteca, telecentro, auditório, dentre outros. A população utiliza o local como meio de desenvolvimento social e cultural.

Instituições atuam em projetos sociais, a fim de integrar a população, através de cursos, reuniões. Um campo de futebol foi construído, além de um posto de saúde com médico plantonista para atendimento de urgência. Em 2011, um posto policial foi construído pela Prefeitura em parceria com a Polícia Militar.

Renê Evangelista, morador do bairro, mostra as fotos do local no início do loteamento quando ocorriam mutirões para construção das casas e eles aguardavam a chegada do asfalto. "Geralmente, as pessoas que não conhecem o Residencial 2000 podem achar que se trata de um local feio e bagunçado. Convido todos a virem até aqui e ver como melhoramos e o potencial ainda existente para melhorar. Com a duplicação da BR 262, novos empreendimentos imobiliários são lançados e logo se juntarão ao bairro, permitindo que ele não fique tão isolado", diz Renê.

issuu-downloader.com

Valteir Rosa, o padrinho do conjunto habitacional

Bruno Assis
6º período de Jornalismo

Foto: Tiago Mendonça

Aos 59 anos, Valteir Rosa se considera um conselheiro no bairro localizado distante do centro de Uberaba e marcado pela desigualdade social

Um dos primeiros habitantes e o primeiro representante do bairro Residencial 2000, escolhido pelo prefeito da época, Valteir Rosa acompanhou de perto o curso histórico do Residencial 2000, antes mesmo deste se tornar um conjunto habitacional. Com 59 anos, o filho legítimo de Uberaba é figura querida e referência entre os moradores do residencial.

Ele conta que, há mais de meio século, quando o bairro era fazenda, ele, que nem vislumbrava a possibilidade de ali morar, porém recorda-se de que o dono das terras permitia o plantio de alimentos em seu terreno. Mais tarde, diz Valteir, as terras serviram ao plantio de café.

Lembra-se também da estrada de ferro que passava pela propriedade rural e do viaduto construído na década de 70, o qual precedeu o trevo que ainda hoje existe próximo ao bairro.

Valteir tornou-se trabalhador rural e teve a oportunidade de estudar, participando do curso de mestre de obras. A qualificação permitiu que ele pudesse trabalhar em outras cidades, outros Estados e também em outro país (no Paraguai, onde foi contratado para realizar a construção de um banco).

Em menos de uma década, a área do plantio de café havia passado para as mãos da prefeitura de Uberaba. Por meio de uma associação de pessoas carentes, lideradas por um homem conhecido como João Sem-Teto, o poder público cedeu aos apelos do movimento e deu início ao loteamento da região para, em seguida, vender aos futuros habitantes.

Àquela altura, Valteir já havia voltado a morar em sua cidade natal e, logo que soube do novo bairro, mudou-se para lá. Por sua representatividade, Valteir consolidou-se como líder no bairro. Ouvia sugestões e buscava reivindicar melhorias para a infraestrutura.

De início, o Residencial 2000 não receberia esse nome, se não fosse pelo intermédio de Valteir, provavelmente hoje chamar-se-ia Uberaba 2000. Mesmo não sendo o "pai" do bairro, pode ser considerado o seu "padrinho de batismo".

Hoje, a idade pesa-lhe às costas, contudo, ainda desempenha uma função social ativa na comunidade, servindo como um aconselhador dos moradores. Pensa longe, nas gerações futuras. "As pessoas que moram aqui estão felizes, mas ainda há muitas melhorias a serem feitas para o nosso bairro."

Valteir incomoda-se com a falsa impressão criada por notícias sobre seu bairro. Busca romper com a crença de que o Residencial 2000 é uma região perigosa. Diz que muitos dos casos de violência relacionados ao bairro são feitos por pessoas de fora ou acontecem nas redondezas e são injustamente creditadas ao bairro. "Aqui, temos ar mais puro para respirar, os lugares longe do centro são mais tranquilos e as pessoas são unidas."

issuu-downloader.com

O homem que transpira esporte no 2000

Davi quer mais desenvolvimento para o esporte no Bairro Residencial 2000

Laercio Batista
6º período de Jornalismo

Um par de tênis, a bola e mais um espaço para jogar aquele futebol com amigos. A quem prefira um par chuteiras, mas o desejo de correr pelo campo e quadra de seu bairro, não tem valor. Pelo menos é esse o sentimento das crianças do Residencial 2000. Sem pensar nas dificuldades do dia a dia para materializar esses bons momentos, Davi Januário da Silva se dedica.

Morador do Residencial 2000 há oito anos, Davi desenvolveu um projeto por conta própria, em 2006. Comprou bolas e reuniu a garotada de sete aos 16 anos, nos finais de semana, no campo de terra, só para ver os sorrisos. A atividade não ficou restrita ao campo. Juntamente com os pais, Davi acompanhava o desempenho dos "jogadores" na escola.

O projeto completava sete meses e, com o apoio de um vereador, ele conseguiu a doação de coletes, novas bolas, lanches para a garotada e até mesmo transporte para que o time do projeto, em suas variadas categorias, pudesse participar de jogos amistosos competindo com as principais equipes amadoras de Uberaba. O projeto durou dois anos. Em 2008, Davi ingressou na Prefeitura de Uberaba para trabalhar com crianças na mesma faixa etária, porém, em outros bairros: Gameleira, Jardim Metrópole, Chica Ferreira e Conjunto José Valim de Melo.

Com o distanciamento de Davi, o projeto do 2000 chegou ao fim. Com o apoio de uma Organização Não governamental que atua com crianças carentes na região de Belo Horizonte, há a perspectiva de retomada de um trabalho semelhante englobando também o sexo feminino.

Davi não desanima e está empenhado em ampliar projetos de esporte para toda a cidade de Uberaba.

> "Pessoas de outros bairros cometem crimes no 2000, manchando o nome do bairro

Davi Januário da Silva sonha com a retomada e ampliação de seu projeto no bairro

Foto: Laercio Batista

A fama de bairro violento deixa marcas

Tiago Mendonça
6º período de Jornalismo

No Residencial 2000 a equipe do Revelação encontrou a aposentada Lázara Silva, responsável por cuidar dos seis bisnetos. Dona Lázara sobrevive com o Bolsa Família. "Eu e meu marido viemos da roça. Lá, cuidei dos meus filhos e netos e, agora, estou cuidando dos meus seis netinhos, com maior orgulho, mesmo faltando luz aqui dentro de casa", disse.

Casos como o de dona Lázara são comuns no 2000. A população, predominantemente humilde, sofre não só com as dificuldades financeiras, mas enfrenta o preconceito de que no bairro impera a violência. "O que ocorre, na verdade é que pessoas de outros bairros cometem crimes no 2000, manchando o nome daqui", conta o picolezeiro conhecido como Bahiano.

A reportagem cruzou também com a dona de casa Neuza Francisca, conhecida pelo bairro como Neuzinha do 13, uma das primeiras moradoras do local. Ela aponta para uma necessidade do bairro que não está relacionada à segurança: o atendimento de qualidade na área da Saúde. "Aqui tem tudo. O que falta mesmo é um posto de saúde que atenda todo mundo aqui. Tem tudo mesmo, supermercado, quadra pros meninos, varejão...", disse a dona de casa, que foi candidata à presidência da associação do bairro.

issuu-downloader.com

Uberaba Comeddy revela sua face crítica

A equipe do Revelação entrevistou pessoalmente a administração do Uberaba Comeddy, perfil do Facebook que possui mais de 13 mil seguidores. A página é conhecida por seu humor crítico ao retratar problemas e ocorrências da cidade

Júnia Queiroz
2º período de Publicidade

Rafaell Carneiro
8º período de Jornalismo

Revelação: Como você teve a ideia de criar o Uberaba Comeddy?

Uberaba Comeddy: Sempre fui uma pessoa ligada ao humor. Já tive uma página antes. Publicava e tinha uma repercussão boa: em torno de 50 curtidas e 100 compartilhamentos. Só que páginas maiores pegavam a publicação e postavam sem crédito. Eu ficava como o que "roubava" posts. Daí, resolvi fazer uma coisa mais focada em Uberaba, para não correr este risco. Foi a primeira, se não me engano.

Revela: Quando foi que tudo mudou?

Uberaba Comeddy: Teve um dia que eu publiquei um meme das pessoas nos ônibus da cidade. Criei frases e bordões do cotidiano uberabense. Depois de uns sete dias, entrei no perfil, tinha muitos compartilhamentos, vários comentários e convites. Achei legal e isso me motivou a continuar.

Revela: Qual foi sua intenção inicial com a página?

Uberaba Comeddy: Foi só fazer comédia mesmo, pra passar o tempo. O conteúdo que era publicado no começo era do tipo zueira, brincadeira. Do nada, a coisa foi mudando. Um dia me veio uma revolta com o Projeto Água Viva, por causa das enchentes, resolvi sair da rotina de comédia e fiz uma montagem com humor, criticando o projeto. O pessoal gostou, foi comentando, passou a me enviar problemas da cidade que mereciam ser expostos. Então, tive a ideia de unir as críticas com um toque de comédia.

Revela: Você sofreu algum tipo de ameaça?

Uberaba Comeddy: Já ameaçaram revelar minha identidade, mas não tenho problemas em relação a isto. Não estou fazendo nada de errado. Preservo, pois gosto de privacidade. Já tive muita discussão por mensagem privada, que eu prefiro não trazer para o mural.

Revela: Já recebeu proposta de pessoas importantes para fazer publicações?

Uberaba Comeddy: Até hoje não. Teve só uma vez que um candidato a vereador me ofereceu dois mil reais para comprar meu perfil do Uberaba Comeddy pelo Ask. Achei a ideia fora de nexo, até porque critico muito a política da cidade e eu não venderia a página.

Revela: Alguma vez você se autocensurou?

Uberaba Comeddy: Sempre. Muitos seguidores até percebem que publico alguma coisa e logo depois removo. A todo o momento tem gente me enviando mensagens, dizendo "olha, isso pode denegrir a imagem de fulano" ou "sicrano pode entender errado". Meu humor crítico não é para atingir pessoas. Apago pelo menos umas duas postagens diariamente por conta desse problema.

Revela: Qual seu critério para selecionar o que entra na página?

Uberaba Comeddy: Meu critério é tudo o que possa informar, divertir, entreter ou ensinar algo ao público da região.

Revela: Como você consegue noticiar o que acontece em tantos cantos da cidade? Atrapalha a sua vida?

Uberaba Comeddy: Olha, já atrapalhou o trabalho, inclusive, já fui demitido duas vezes por causa do Uberaba Comeddy. Eu ia para o banheiro para acessar o Facebook pelo celular e demorava um bocado (risos). Essa facilidade em noticiar o que ocorre pela cidade se dá por eu já ter alguns "caçadores de notícia" voluntários para fazer isto por mim. Tem também a ajuda de meu público, enviando fotos, textos, entre outros.

Revela: Qual é o limite do humor?

Uberaba Comeddy: É o respeito. Não nego que já tenha feito publicações às quais me arrependo por se tratarem de um humor pesado demais. Hoje, acho que quando existe uma vítima sofrendo por causa do humor é em vão, fora do limite.

Revela: Qual a publicação que mais te marcou?

Uberaba Comeddy: Geralmente são as que ou conseguem unir pessoas e entreter ou aquelas que serviram como utilidade pública, alguma reivindicação, o que, a propósito, tem dado muito certo.

Revela: Você pensa em ganhar dinheiro criando um blog ou site?

Uberaba Comeddy: Penso em algum dia fazer um site ou uma revista, talvez. Talvez juntar algumas pessoas, dividir em colunas sobre cada assunto, política, cidade, etc. Só que com uma linguagem mais comédia, de um jeito singular, bem inovador.

Revela: Como você mantém sua identidade em segredo?

Uberaba Comeddy: Algumas pessoas já sabem. Não são poucas. Conto para as pessoas mais próximas, meus amigos fiéis e é isso que mantém o segredo.

issuu-downloader.com

Alfredo Freire: um bairro carregado de sonhos

Camila Paiva
Matheus Queiroz
4º período de Jornalismo

Ruas pacatas, moradores sorridentes e algo em comum: todos ali estão em busca de um sonho. A casa própria, um emprego melhor, ou até mesmo a graduação são ideais dos moradores do conjunto Alfredo Freire, localizado às margens da BR 050, entre Uberaba e Uberlândia.

Crianças brincando nas calçadas, bares lotados, praças tranquilas e bem arborizadas contrastam com as notícias de violência divulgadas.

Distante do centro da cidade cerca de sete quilômetros, o bairro parece praticamente outra cidade, com muitos comércios, dos mais variados ramos. Os próprios moradores sentiram a necessidade de abrir bares, *sorveterias,* restaurantes, locadoras, *lan houses*, varejões, supermercado, padaria, lojas de vestuário em geral.

Moradores como Dona Creusa Aparecida, 60 anos, afirmam que não é preciso ir a outros bairros, ela encontra aqui mesmo tudo o que procura. Só falta uma lotérica.

O bairro se desenvolveu muito ao longo de seus 33 anos. As primeiras chaves em agosto de 1981.

Fotos: Camila Paiva

O conjunto habitacional surgiu no início da década de 80 com cerca de mil casas populares

Creusa Aparecida Jardim Dias, 60 anos, é uma das moradoras mais antigas do bairro. Mulher de poucas palavras, mora no bairro há 33 anos. Natural de Água Comprida, veio em busca de melhoria de vida e educação para seus filhos, visto que, naquela tempo, a situação não era das melhores.

"O bairro estava começando a ser criado. Naquela época, as coisas eram muito difíceis, sem serviços públicos necessários, como postos de saúde e escolas. Nos dias atuais, a história é outra."

São três praças, um campo de futebol ativo que recebe diversos jogos regionais, uma quadra de futebol conjunta com basquete, uma escola municipal, uma estadual e uma unidade de saúde.

Para dona Creusa, faltam apenas uma casa lotérica e um posto policial.

"Me considero uma pessoa privilegiada por morar no Alfredo Freire", comemora a moradora que ajudou a elaborar o livro "Meu Bairro", que conta a história de todos os bairros da cidade.

O bairro cresceu tanto que deu origem a mais dois módulos habitacionais (Alfredo Freire II e III).

Foto: Matheus Queiroz

Creusa Aparecida mora no Alfredo Freire há mais de 30 anos

issuu-downloader.com

Fé no Alfredo

David Tchai
5º período de Jornalismo

Maria das Dores Caetano, mais conhecida como Mariinha, também está entre as moradoras mais antigas do Alfredo Freire, quando as ruas eram de terra e faltava infraestrutura como serviços de água, luz e saneamento básico. "As pessoas eram unidas. Uns ajudavam os outros e tudo foi ficando melhor para nós."

Nascida em São Roque de Minas, ela chegou a Uberaba trazida pelo seu pai, para trabalhar em uma fazenda na esperança de conseguir uma condição melhor de vida. "Na roça se tinha de tudo, mas o dinheiro era pouco", conta Maria.

No primeiro casamento, permaneceu junto com seu marido 20 anos, mas ficou viúva. Teve dois filhos, porém, a vida não lhe deu a oportunidade de criá-los. Por problemas de saúde, ambos morreram jovens. Hoje, ela divide suas emoções com o parceiro Nivaldo, seu companheiro há quatro anos.

Devota de São Jorge e de outros santos, encontrou na igreja católica apoio e perseverança.

Nem mesmo o medo da violência que ronda as ruas do bairro e seu estado de saúde impediram que Mariinha cumprisse seu papel de cristã e visitasse as casas daqueles que passam por angústias e problemas de saúde. Quando perguntada se é feliz, Maria das Graças esbanja um sorriso e diz: "Eu sou muito feliz, graças a Deus. Muitas pessoas gostam de mim. Eu me abro com qualquer um e ajudo no que posso e não posso. Não sei ficar com raiva dos outros", confessa.

> "Sou devota de São Jorge e outros santos. A fé sempre me ajudou a seguir em frente

Foto: Camila Paiva

Nivaldo e Mariinha estão entre os moradores mais antigos do bairro

Um lugar perfeito

Madu Monteiro
6º período de Jornalismo

Para Marco Antônio Inácio, 19 anos, graduando em Direito, o bairro é um otimo lugar para se viver. " Sofro um pouquinho com a dificuldade de locomoção, pelo bairro ser mais afastado. Apenas uma linha de ônibus atende ao conjunto, o que dificulta, por exemplo, ir e vir da Uniube (Universidade de Uberaba). Entretanto, não me mudaria", explica Marco.

Morador do lugar desde 2001, o estudante frequentou até o 9º ano, antiga 8ª série, no próprio bairro, na Escola Municipal Stella Chaves. "Fiz o colegial no bairro Santa Marta, na Escola Municipal Profª Corina de Oliveira, porque ainda não havia escola no meu bairro que oferecesse o Ensino Médio no período matutino", afirma.

Tímido, ele cresceu com os avós. Markão, como é chamado pelos amigos, passou metade da juventude correndo pelas ruas, praças e avenidas do Alfredo Freire. "Cada esquina me traz boas recordações. Quando mais novo, eu colocava o *play station* na mochila, na maior tranquilidade, e levava para a casa dos amigos para jogarmos. Nunca fui surpreendido por assaltantes. Não me lembro de nenhuma situação ruim que tenha vivido aqui, neste lugar. Aqui é, pra mim, perfeito."

Foto: Arquivo Pessoal

O estudante de Direito, Marco Antônio, cresceu junto com o bairro Alfredo Freire

issuu-downloader.com

SEJAM BEM-VINDOS!

C·A·L·O·U·R·A·D·A

Agosto 2014

Multiperiódico 7h30

CURSOS	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	Anfiteatro Biblioteca
DIREITO	P103
MEDICINA	S315
MEDICINA VETERINÁRIA	Q01
ODONTOLOGIA	A015

Vespertino 13h30

CURSOS	LOCAL
ARQUITETURA E URBANISMO	V01
ENGENHARIA AMBIENTAL	Z112
ENGENHARIA ELÉTRICA	Z112
ENGENHARIA CIVIL	Z112
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Z112
ENGENHARIA QUÍMICA	Z112

Noturno 19 horas

CURSOS	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	Anfiteatro Biblioteca
ARQUITETURA E URBANISMO	V01
CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Anfiteatro Biblioteca
DIREITO	P103
DESIGN DE INTERIORES	X01
ENFERMAGEM	A124
ENGENHARIA AMBIENTAL	Z112
ENGENHARIA ELÉTRICA	Z112
ENGENHARIA CIVIL	Z112
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Z112
ENGENHARIA QUÍMICA	Z112
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	Z112
FISIOTERAPIA	A123
ODONTOLOGIA	A005
PSICOLOGIA	A08

AULA INAUGURAL 11/08 Segunda-feira

QUADRA COBERTA
Campus Aeroporto

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A universidade
à altura
dos seus sonhos.

issuu-downloader.com